

A rota do tráfico de drogas: os trabalhadores ilegais e invisíveis/visíveis.

Marisa Feffermann.

Cita:

Marisa Feffermann (2007). *A rota do tráfico de drogas: os trabalhadores ilegais e invisíveis/visíveis*. XXVI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Guadalajara.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-066/1721>

Ana Glória Melcop

Marisa Feffermann

A realidade econômica atual incide diretamente sobre o trabalho e provoca dispensa em massa de trabalhadores. O desemprego e a precariedade das relações de trabalho são conseqüências deste processo, pois a instalação de novas tecnologias foi utilizada para organizar o processo de internacionalismo. As transformações tecnológicas e de organização aplicadas ao sistema produtivo incidiram diretamente sobre o trabalho e vêm provocando dispensa em massa de trabalhadores.

O processo crescente de “globalização”, no qual o “regime de acumulação mundial predominantemente financeiro” implica em mudança qualitativa nas relações entre capital e trabalho, e entre capital e Estado, em sua forma de “Estado de bem-estar”. O desemprego e a precariedade das relações de trabalho são conseqüências deste processo, pois a instalação de novas tecnologias foi utilizada para organizar o processo de internacionalização. As transformações tecnológicas e de organização aplicadas ao sistema produtivo incidiram diretamente sobre o trabalho e vêm provocando demissões de vulto entre os trabalhadores. Esse processo foi propício para o crime organizado, facultando um fluxo relativamente livre de capitais por meio de sistemas informatizados, com capacidade de influir nos rumos da política financeira de um país. Desta forma, a globalidade do crime está imbricada neste processo global. Realidades que se entrecruzam em inúmeros pontos, em redes cada vez mais apertadas, que não permitem o surgimento do indivíduo. Sugere-se que o limiar entre a lei e o que está fora da lei apresenta-se cada vez mais tênue. Numa sociedade na qual as relações de forças sociais são desiguais, a forma de se constituir padrões de comportamento torna-se, de um lado, cada vez mais inflexível, e de outro, totalmente ambivalente e contraditória, caracterizando uma situação na qual o processo civilizatório desvincula-se das necessidades do ser humano, reiterando a lógica do capital.

Os jovens envolvidos no tráfico de drogas constituem-se na tensão com esta realidade objetiva. Uma malha que os enreda a cada movimento. Neste emaranhado de fios, que se entrelaçam e se desfazem, vão construindo a sua forma de estar no mundo: em condições que podem ser consideradas quase irracionais, beirando a barbárie.

Pode-se interpretar que o mercado ilegal surge como resposta à marginalidade econômica. O tráfico de drogas, como fenômeno político, econômico e social, está condicionado por fatores inscritos em relações visíveis e invisíveis, desde o cultivo, produção até o consumo, e necessita de rede transnacional para existir, e da economia formal para tornar legal o dinheiro auferido. O tráfico, sob o aspecto de indústria de drogas ilícitas, é forma de inserção ilegal de jovens no mundo do “trabalho”. Considerando que o trabalho, e na maioria das vezes a falta dele, é um dos pontos que acirra esta condição de vulnerabilidade do jovem. E essa condição de vulnerabilidade tem se agravado, nas últimas décadas, com o crescimento de economias paralelas como a venda de armas, o roubo, o narcotráfico.

A vulnerabilidade destes jovens está relacionada: à idade; por terem sido aviltados em seus direitos, e sofrer efeitos desta violência, ou ainda, por não ter opção de trabalho no mercado legal. Nas pesquisas realizadas sobre a questão do tráfico um ponto é comum: estes jovens necessitam de reconhecimento social para construção de uma identidade. Ingressam no tráfico e conhecem as vantagens e desvantagens disto. Tornam-se alvo fácil dos policiais, traficantes e da sociedade.

A proposta deste artigo é apresentar a realidade dos jovens que trabalham de forma ilegal nas várias etapas do tráfico de drogas no país. Parte-se de duas pesquisas: no cultivo de maconha, no rio São Francisco, sertão de Pernambuco, um dos estados que integram o chamado polígono da maconha, a maior área de plantio na América do Sul, onde jovens são recrutados para trabalhar em ilhas fluviais por um período de 4 a 5 meses; e no seu comércio na periferia da cidade de São Paulo, onde jovens vendem drogas ilegais.

No chamado “polígono da maconha”, no estado de Pernambuco os níveis de violência ocorrem por conta das brutais disputas pela terra e dos conflitos relacionados ao cultivo ilícito de maconha. De acordo com o Ministério Público do Trabalho do Estado de Pernambuco, existem 40.000 trabalhadores rurais nas plantações de

maconha, e muitos são forçados a trabalhar nesse plantio pelas gangues criminosas. Entre estes, 10.000 são crianças e adolescentes. O plantio da maconha na região do São Francisco ocorre em geral em pequenas propriedades rurais. Como na comercialização das drogas em São Paulo, é o gerente quem garante as condições de trabalho: insumos agrícolas e segurança. Os jovens e adultos vão trabalhar na lavoura, porque procuram o trabalho de forma voluntária ou são indicados por pessoas conhecidas. A duração do plantio é aproximadamente de 90 dias. As condições são muito precárias, em todos os sentidos: alimentação (principalmente em relação a água potável) e alojamento. Vivendo em uma condição de ilegalidade vivem todos o tempo numa realidade de insegurança, sempre a espera de uma operação policial. A violência permeia as relações destes trabalhadores, principalmente em relação a repressão armada, que pode implicar na morte dos lavradores. Estas mortes ocorrem por um lado por quem financia e dos que reprimem o plantio da maconha, coloca-se a questão da garantia do direito de viver.

Na pesquisa de São Paulo, resultado de uma tese de doutorado defendida no IPUSP, (Instituto de Psicologia de USP)¹, um Estudo de Campo de duração de 4 anos com jovens inseridos no tráfico de drogas da periferia de São Paulo (Brasil), a complexidade destes discursos permitiu a percepção da inserção destes jovens nas relações de trabalho do comércio ilegal de drogas. O tráfico de drogas, funciona como qualquer indústria, e os jovens trabalham em todas as etapas de produção. A realidade dos jovens pesquisados mostra toda a violência incrustada na economia ilegal do tráfico. Na periferia da cidade, da economia e do tráfico, os jovens sofrem e são coadjuvantes dessa violência, de forma cruel e avassaladora. Constatou-se que o tráfico de drogas faz parte da vida de parcela da população das periferias da cidade de São Paulo, e a morte é uma das principais conseqüências. Os jovens inscritos no tráfico de drogas. Jovens que são considerados, com o empenho da indústria cultural, os responsáveis pela violência, e a um só tempo, as principais vítimas das mortes violentas nas estatísticas policiais.

A realidade dos jovens pernambucanos ainda não foi pesquisada de forma extensiva, mas podemos perceber que tanto os jovens que trabalham tanto no cultivo quanto na venda

¹ Livro ; Vidas Arriscadas- o cotidiano de jovens trabalhadores do tráfico. Ed. Vozes.

são os “trabalhadores” da indústria do tráfico, têm obrigações e seguem regras de trabalho. Nos dois aspectos da pesquisa verificou-se que se trabalha em condições semelhantes: **mesma faixa etária**; o **contrato de trabalho é verbal**, as regras são conhecidas por todos, e a punição quando há desrespeito a elas pode ser a morte; o **regime de plantão**, vai de 10 a 12 horas para os que trabalham no cultivo, quando abandonam suas casas, deixam seu estudo e afazeres durante meses e vivem em alojamentos em péssimas.

A partir destas duas experiências percebe-se a importância de conhecer a realidade destes jovens que estão envolvidos com o tráfico de drogas nas suas várias etapas nas várias regiões do país. Consideramos que só a partir de uma pesquisa qualitativa, conhecendo cada realidade com cada especificidade que podemos propor uma política pública para esta população jovem do nosso país.

A pesquisa foi qualitativa, com observação participante e entrevista em profundidade; em São Paulo teve a duração de quatro anos e a do Recife, um ano. Escutou-se jovens que são a parte perceptível e a imperceptível do tráfico de drogas, aqueles a um tempo indispensáveis e descartáveis nas conexões nacionais e internacionais do tráfico. Quanto aos jovens que trabalham vendendo drogas nas regiões periféricas de São Paulo, e que constituem a parte perceptível desta engrenagem, fez-se pesquisa etnográfica e 16 entrevistas em profundidade de dez horas de gravação. Quanto aos jovens trabalhadores no plantio de maconha em Pernambuco, a parte imperceptível do tráfico, foram realizadas 8 entrevistas com duas equipes diferentes.

O cotidiano destes jovens

O cotidiano desses jovens possui características específicas de vida e de sociabilidade, que mostra na sua particularidade, a realidade do tráfico: a sua interdependência e cumplicidade com a sociedade capitalista, a responsabilidade do Estado e das grandes potências econômicas na manutenção e reforço desse tipo de economia organizada, cujos orçamentos ultrapassam o de países inteiros ou até mesmo de um continente, como já foi apresentado..

Pretende-se, neste artigo, focalizar esses jovens. Admite-se que a construção da subjetividade se dá no registro do social. Os processos históricos constroem os sujeitos e objetos, as necessidades e desejos de seus protagonistas. A nossa concepção de sujeito reporta-se, portanto, a uma construção da subjetividade determinada historicamente.

Absorvidos nessa encruzilhada, um número maior de jovens alinham-se nesta dinâmica. O tráfico de drogas em São Paulo dissemina-se, arregimentando muitos protagonistas; existem “mais de 5 mil microtraficantes”², ou pontos-de-droga. Algumas características do tráfico paulista foram apresentadas nos capítulos anteriores; no entanto, deve-se ressaltar que cada cidade constitui uma etapa determinada do ciclo exportador, de acordo com as atividades desenvolvidas pelos traficantes em cada região e as possibilidades do mercado consumidor interno.

Os jovens, por vezes, vivem situações inusitadas, em que o instante, o agora, é o tempo que possível. O seu futuro, freqüentemente, não é incerto. Muitos sabem que vão morrer, ou pela bala de um revólver da polícia, ou do traficante.

Estes jovens trabalham no comércio ilícito, o varejo de drogas: “São eles que travam um contato fugaz, apreensivo e vigiado com os 'interessados', recebendo, em essência, o dinheiro necessário para a compra da mercadoria e que logo será repassado a seus superiores hierárquicos” (Cruz Neto, 2001,p.43). Fazem parte de uma população que se constitui como exército de reserva de mão-de-obra, à disposição do mercado oficial e, por vezes, não-oficial. Desempregados, estão a serviço das necessidades da expansão do capital, tanto lícita quanto ilícita. Desta forma, são obrigados a desenvolver estratégias de sobrevivência ou são impulsionados a transpor a margem tênue das contradições da sociedade capitalista.

A proposta deste estudo é aproximar-se desse universo. Um chegar-se cauteloso, considerando que qualquer deslize pode implicar em caminhar por uma vereda sem retorno. Alguns jovens imersos neste cenário, após um momento em que intercalavam confiança e desconfiança, propuseram-se a gravar entrevistas. Com outros, manteve-se vários contatos,

² Segundo o DENARC – Departamento Estadual de Narcóticos, de São Paulo.

mas por diversos motivos³ não puderam ou não quiseram gravar as entrevistas. Gravaram entrevistas 15 jovens moradores da periferia, entre 15 e 24 anos⁴, estudantes e não, que exercem ou exerciam a função de: dono, gerentes de *boca*, vendedores e olheiros.

As relações existentes no mundo do trabalho estão marcadas por contradições que permitem a adaptação às condições existentes. Uma série de sacrifícios foram necessários no passado, hoje não são mais. O trabalho foi necessário enquanto a carência material existia, a partir do momento que esta não existe mais, potencialmente, então não seria mais necessário trabalhar. Numa sociedade de abundância na qual o trabalho não é mais necessário, essa adaptação é anacrônica e, portanto, ela só se dá em nome da dominação e é por isso que deve ser combatida.

Na sociedade atual os padrões de racionalidade estão submetidos à onipresença do capital, ao mercantilismo global das formas quanto aos objetos e aos sujeitos da formação social, subordinados ao modo de produção capitalista. Desta forma, vive-se sob o domínio das leis objetivas do capital e do seu modo de organização e expansão. A exploração do homem e a coisificação das relações marcadas pela troca como lei universal do mercado expressam a irracionalidade deste sistema.

É a partir da maneira como os homens produzem os meios materiais que se deve compreender os processos históricos. A base da ordem social, assim, é constituída pela produção e intercâmbio de seus produtos. O processo do mundo do trabalho é marcado por contradições que impulsionam o homem em direção à adaptação ao que é existente. São as relações sociais que permitem o movimento dos indivíduos na sociedade, em que as mediações ocorrem pelas relações de trabalho.

Os óbices de o sujeito constituir-se como indivíduo na sociedade atual ocorrem, pois, com a designação de suas vontades, desejos e pensamentos: mais do que nunca não se distinguirá daquilo que a sociedade quer criar. Uma sociedade que visa realizar a lógica do capital oferece condições para o surgimento de um sujeito que enfatiza, no seu aspecto cognitivo, o pensamento de instrumento, um pensamento lógico-dedutivo, que visa, enfim, a utilidade, em prejuízo da reflexão e da experiência.

³ Por diversos motivos alguns jovens não deram entrevistas gravadas: morte, prisão (presídio ou Febem), mudança de bairro por algum problema com o tráfico, ou por medo.

⁴ Os jovens serão nomeados por Jovem 1; Jovem 2; Jovem 3; Jovem 4; Jovem 5; Jovem 6; Jovem 7; Jovem 8; Jovem 9; Jovem 10; Jovem 11; Jovem 12; Jovem 13; Jovem 14; Jovem 15.

O processo de produção na sociedade atual é realizado pela reprodução do capital, e a indústria cultural permite a ampla socialização nesse processo de acumulação. Em um mundo quase totalmente administrado, organizado sob a égide do capital, a função da indústria cultural é promover essa reprodução ampliada e contribuir para a falsa formação das subjetividades atuais que, adaptadas à realidade, constituem-se como peças de reprodução da sociedade vigente.

Nos contatos com estes jovens, as mediações ocorreram segundo a lógica a que se está imerso no capitalismo, permeadas por interesses e necessidades.

O tráfico de drogas está inserido na sociedade em que o modo de produção estabelece relações sociais e econômicas. O que caracteriza todo modo de produção é sua dinâmica, portanto a contínua reprodução de suas condições de existência permite pensar na totalidade social como uma estrutura dominante, na qual a instância econômica é, enfim, determinante.

Em uma sociedade controlada pelas leis objetivas do lucro, em detrimento de outras relações, “a sociedade burguesa desenvolveu um dinamismo social que obriga o indivíduo econômico a lutar implacavelmente por seus interesses de lucro, sem se preocupar com o bem da coletividade” (Horkheimer e Adorno, 1973:55).

Está-se diante de um crescimento de um desemprego estrutural, o que significa que uma parcela da população é lançada para a economia informal; segundo Chesnais (1997), trata-se de um – “regime de acumulação mundial predominantemente financeiro” –, em que os modos de produção estão associados à técnicas de organização do trabalho, precariedade de emprego, flexão de direitos e de garantias trabalhistas. Neste estágio de desenvolvimento do capital, entre as suas estratégias para a sua reprodução, verifica-se a combinação entre “abundância e penúria”. De um lado, o trabalho social apresenta-se de forma cada vez mais complexa e com elevado grau de desenvolvimento tecnológico; de outro, uma grande parcela dos trabalhadores vivem em total estado de miséria: “Dentro das relações de produção vigentes, a humanidade é virtualmente o seu próprio exército de reserva, e é sustentada”, considera Adorno (1994, p. 69).

O sistema social, político e econômico vigente, alicerçado na acumulação do capital, cria e reproduz uma reserva de força de trabalho desempregada ou parcialmente

desempregada, e uma grande parcela desta população passa a desenvolver estratégias de sobrevivência, sendo que alguns transpassam o limite da legalidade.

Esta situação é muito complexa quando se considera o trabalho como agente importante para a constituição da identidade. Marx (1999) afirma que o trabalho é uma “atividade produtiva de um determinado tipo, que visa a um objetivo determinado” e este aspecto da atividade de trabalho “é uma condição da existência humana independentemente de qual seja a forma de sociedade; é uma necessidade natural eterna que medeia o metabolismo entre o homem e natureza e, portanto, a própria vida humana”. Assim, o homem, na interação com o trabalho, transforma a si mesmo e o meio em que vive. As condições pelas quais este trabalho se desenvolve pode trazer conseqüências nefastas para a constituição das subjetividades, quando se ponderar que:

Antes de tudo, o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza (Marx, 1998:211).

Condições que impedem o homem de atuar de forma autônoma, pois se visa o lucro em detrimento do homem, são danosas para a sua constituição. Um trabalho uniforme e alienador que molda a constituição de sujeitos que têm o mesmo valor, ou melhor, valem o que produzem; de agentes de transformação, tornam-se peças constitutivas do processo irracional de obtenção de lucro. Para este fim, constitui-se uma relação de exploração da força de trabalho do trabalhador. A reificação do homem no mundo do trabalho e a massificação por meio da indústria cultural são fatores determinantes para a compreensão das identidades constituídas atualmente.

Na sociedade atual, o desemprego estruturado é comum, vive-se sob a lógica do capital.

Os jovens desta pesquisa são um apêndice, a um tempo indispensável e descartável, nas conexões internacionais da “indústria” do tráfico de drogas, que são as de maior rendimento da atualidade como se apresentou nos capítulos precedentes.

Analisar-se-á estes jovens segundo esta organização de ‘trabalho’, assim como ‘trabalhadores’ do mercado de drogas ilícitas, um perigoso e sedutor negócio. Esta inserção lhes dá possibilidade de trabalho e de consumo. Considere-se, no primeiro momento, o obstáculo da inclusão no mercado legal. Dois elementos caracterizam a produção: de um lado, o processo de trabalho em que o homem transforma a natureza para convertê-la em um objeto útil (valor de uso) e as relações de produção que caracterizam a forma histórica concreta na qual se realiza o processo de trabalho.

O tráfico de drogas como qualquer indústria funciona sob esta mesma lógica; desta forma, os ‘trabalhadores’, em todas as etapas de produção, são *sacrificados*, e passam pela mesma dominação e sofrimentos advindos das condições sociais injustas que se reproduzem na sociedade.

Os traficantes de drogas buscam lugares para instalar o seu ‘comércio’, seus pontos-de-venda e distribuição, e um critério determinante deve ser o difícil acesso do aparato repressor. Nessas áreas geralmente na periferia, é montado um esquema para garantir o progresso do “negócio”. Existe uma hierarquia e os jovens que “trabalham” na periferia com o comércio varejista de drogas são a parte mais visível do tráfico. São considerados, com o empenho da indústria cultural, os responsáveis pela violência, e a um só tempo, as principais vítimas das mortes violentas nas estatísticas policiais. Estes jovens ocultam os que realmente ganham com um dos setores mais lucrativos da economia mundial.

O tráfico de drogas, neste trabalho, será analisado além de sua dimensão policial e criminal, com base no conceito de que o trabalho continua oprimindo os homens. Em uma sociedade que tem como premissa despercebida, a contradição, parte da população desfruta das vantagens do sistema econômico atual; outra, maior, está cada vez mais alijada de alguma vantagem desse processo, submersa à irracionalidade, que se perpetua.

O tráfico de drogas, como se procurou apresentar neste estudo, é parte integrante do sistema econômico vigente. E através da lavagem de dinheiro que são circuladas imensuráveis quantidades de dólares para a manutenção do sistema, incontável, pois constituindo uma economia “ilegal” não há nenhum mecanismo de regulação. É uma

indústria que necessita de estrutura, de interligações com países, pois o seu processo inicia-se desde a plantação, transporte, distribuição, transformação química, empacotamento e várias atividades que fazem parte do comércio de drogas ilícitas.

Entender-se-á o tráfico, como forma de organização aqui denominada de ‘trabalho’, informal e ilegal, que emprega grande número de jovens na sua estrutura. A definição de um dos jovens ratifica esta afirmação: “A boca é trampo⁵, só que é um trampo mais embaçado” (Jovem 4). Desta forma, terá enfoque o trabalho da ponta desta corrente, em que jovens atuam.

Misse (1999) produz elucidativa distinção entre mercados informais e ilícitos, enquadrando em seu argumento o tráfico de drogas como o mercado ilícito mais importante nos dias de hoje, a diferença entre os mercados estaria no seu grau de participação no conjunto das regulamentações estatais. O mercado criminalizado, segundo Misse, seria duplamente informal: a mão de obra utilizada não pode ser formalmente regulamentada, tendo em vista o caráter ilegal das mercadorias comercializadas ou produzidas, e também por fazer parte de um mercado em si criminalizado. O autor lembra ainda que criminalização de uma mercadoria depende do seu significado contextual para a ordem pública, sendo a droga uma das mercadorias criminalizadas que oferece uma das mais altas taxas de lucro.

Em 2002, a OIT (Organização Internacional do Trabalho) realizou um estudo sobre a exploração de crianças e jovens por traficantes de drogas na cidade do Rio de Janeiro. O estudo indicou que a cidade está testemunhando um processo que tem aumentado a violência cometida por crianças e adultos jovens na cidade. Foram registrados 3.318 delitos realizados por crianças e jovens com menos de 18 anos em 1996. Em 1997, esse número havia subido 50%, totalizando 5.011 casos. A situação atingiu sua escala mais elevada em 1998, quando 6.004 casos foram registrados, caindo quase 10% em 1999. Em 2000, o número subiu ligeiramente, para 5.898 casos.

Considerando o quadro apresentado, é importante recuperar alguns aspectos referentes às relações existentes no mundo do trabalho. Os homens, ao realizarem o processo de trabalho, estabelecem entre si determinadas relações: de colaboração e ajuda mútua, e de exploração, ou de transição entre os dois extremos. São estas relações que

⁵ trampo =trabalho

determinam o caráter que o processo assume em sociedade historicamente determinada, ou seja as relações de produção. O processo de produção seria o processo de trabalho que ocorre sob determinadas relações de produção, em que estão incluídos a força de trabalho, isto é a energia humana despendida, os meios de produção, que seriam o objeto de trabalho e os meios de trabalho. No processo de produção se estabelecem relações entre os diferentes agentes da produção, todos os indivíduos que, de uma forma ou de outra, participam no processo de produção, e os meios de produção, relação esta que está ligada as características técnicas do processo de trabalho: divisão técnica do trabalho, tipo de cooperação, entre outros.

No tráfico de droga, o objeto sobre o qual se trabalha é a droga ilícito: a matéria-prima, em geral, é a cocaína e a maconha, que podem sofrer alterações no processo de distribuição e venda. A cocaína vem em pasta e “tem o preparo para ela ficar em pedra, para depois quebrar, e virar o pó, tem uns que colocam no espelho, quebram ela e fica com o pó” (Jovem 13). Com a incorporação de matérias-primas auxiliares, agregadas à matéria-prima principal, opera-se nela uma transformação de caráter material e são produzidas outras drogas, caso do *crack*: a matéria-prima cocaína é modificada com o acréscimo de bicarbonato de sódio. Outras coisas podem ser adicionadas, mas com o propósito de obtenção de maior lucro. Dependendo do ponto, acrescentam-se outros ingredientes com finalidade fraudulenta para aumentar a quantidade da droga. O *crack* pode ser preparado no ponto-de-venda ou já vir pronto. O responsável pela mistura dos componentes é denominado de “químico”. Segundo alguns entrevistados, esta *especialidade* é que garante a boa qualidade da droga: “o químico faz a droga se tornar mais forte” (Jovem 13).

Alguns pontos só vendem um tipo de droga, por exemplo a cocaína, outros têm variedade; em outros ainda, não é permitido a venda de *crack*. Tudo estará na dependência do dono do ponto e do organizador, denominado de ‘gerente’.

Este ‘trabalho’ é também alienado e mediatizado pela economia burguesa. A diferença, ou melhor, o grau, é o valor da *força de trabalho*, que, no caso do tráfico, pode de forma explícita significar a própria vida. Mais uma vez pode-se perceber como as relações no tráfico aparecem, de forma exacerbada, semelhantes as que ocorrem nas relações de trabalho legais. A força de trabalho foi denominada por Marx como o emprego de certa quantidade de energia humana no processo de trabalho. O trabalho cria esta

‘mercadoria especial’, que é a força de trabalho, a capacidade de trabalho dos indivíduos despossuídos dos meios de produção. O trabalhador, para o capital, é simplesmente força de trabalho: mercadoria adquirida no mercado, e que tem seu valor determinado, como qualquer mercadoria, pelo tempo de trabalho socialmente necessário à sua produção. Mas é uma mercadoria que, ao ser consumida, produz outras mercadorias, um novo valor. A produção de um valor excedente, a mais-valia, representa a renovação do ciclo produtivo. Assim, “como o fim imediato e [o] produto por excelência da produção capitalista é a mais-valia, temos que só é produtivo aquele trabalho – e só é trabalhador produtivo aquele que emprega a força-de-trabalho – que diretamente produza mais valia, portanto, só o trabalho que seja consumido diretamente no processo de produção com vistas à valorização do capital”⁶. O valor da força de trabalho, representado pelo salário, no caso dos jovens que ‘trabalham’ no tráfico, a porcentagem da venda da droga e o valor que ela cria ao ser utilizada pelo capitalista durante o processo de trabalho, é a explicação para o valor excedente apropriado pelo capitalista.

O patrão não conhece todos os que ‘trabalham’ para ele. Os jovens, funcionários do tráfico, geralmente não têm contato com o dono do ponto. Algumas vezes, mesmo quando o dono está preso, continua dirigindo de onde está detido. Esta prisão tem conseqüências, em alguns pontos: quem fica com a responsabilidade dos negócios é a mulher, mas as ordens continuam sendo dele; da cadeia, determina o que deve ser feito: “sai as ordens de lá de dentro não é, onde que tem que buscar, quanto tem que pagar, ou quanto que ganhou” (Jovem 7).

O ponto de tráfico muda de dono, quando há disputa no comércio entre pontos, e o vencedor fica com o ponto, ou quando o dono está preso e continua dirigindo o ponto, a partir dos sistema prisional, e indica alguém de confiança para substituí-lo. Existe disputa pelo ponto-de-venda em alguns lugares e muitas vezes quem controla, como já foi exposto é quem está preso. Desta forma, a prisão do dono do ponto não é necessariamente uma forma de repressão ao tráfico.

⁶ K. Marx. O Capital, Livro I, Capítulo VI. Tradução de Eduardo Sucupira Filho. São Paulo: Ciências Humanas, 1978, p. 70

O tráfico pode oferecer assistência jurídica, com advogado à disposição; os jovens não delatam o traficante, demonstram que são fortes, capazes de agüentar, e o traficante garante a defesa do jovem.

Como nas empresas que não garantem mínimas condições de trabalho e sugam do funcionário qualquer benefício concedido, na realidade direitos obtidos através de várias lutas sindicais, o tráfico promete benefícios e garantias aos seus funcionários, mas, em troca, os aprisiona em dívida interminável. Os mecanismos discursivos são os mesmos, mas no tráfico, a conseqüência é que o jovem se emaranha cada vez mais no crime. Os padrões expõem, de forma crescente, seus funcionários, e se houver alguma falha no 'trabalho', o patrão mata ou manda matar, não há diferença, o jovem é demitido da vida.

A assistência médica também fica como um favor do traficante, para a sua 'firma', como os jovens denominam o grupo que trabalha para o mesmo ponto-de-venda. O contrato social entre os trabalhadores do tráfico contempla, em alguns pontos, que em caso de doença, sejam levados ao médico, se forem presos usufruam assistência judiciária, sendo isso extensivo às famílias.

Estrutura-se paralelamente uma sociedade que restabelece as mesmas condições de dominação (com dominantes e dominados), ou seja, uma forma em que sobrevive o mais forte, o mais esperto. Isto é patente nos elementos lingüísticos, nomes escolhidos para significar as condições de poder.

A hierarquia do tráfico é constituída comumente por olheiro, aviãozinho, vendedor, gerente e patrão. Mas, dependendo do tamanho do ponto-de-venda, isto é da quantidade de droga que é vendida, a hierarquia modifica-se. Nos pontos menores, não existe a figura do olheiro, por exemplo.

O tráfico de drogas mantém a mesma estrutura de um trabalho legal, como a divisão de trabalho, permeando as relações entre os trabalhadores e o produto. As tarefas são distribuídas, e cada um deve exercê-la com responsabilidade, pois o preço do não cumprimento da tarefa pode ser muito alto.

O tráfico é organizado segundo a relação estabelecida entre eles, a prestação de contas é diária e as sanções para quem não cumpre este compromisso são severas. Há uma contabilidade da movimentação onde o vendedor, a partir das anotações realizadas em uma caderneta, presta contas do movimento do dia. Outra regra, que denota organização, é que

existe um tipo de embalagem, que implica na origem da droga, identificando assim o padrão. Esta embalagem não pode ter nenhuma alteração, pois se houver algum tipo de reclamação o vendedor terá total responsabilidade.

Há pontos-de-venda menores, nos quais o próprio dono vai buscar a droga, o risco é o mesmo, pode ser detido pela polícia. Nestes pontos-de-venda quem embala a mercadoria é o dono e um ajudante ou sócio; muitas vezes, para conseguir que a tarefa aconteça a tempo, trabalham dia e noite. Porque não pode haver falta, e caso, ocorra, irá perder a freguesia e até falir.

Cada lugar tem a sua definição no tráfico de drogas. Quando a responsabilidade é cumprida, o negócio funciona bem; mas, se alguma peça da engrenagem falha, a situação muda, e busca-se o responsável, no final, é o gerente. Existem regras, que devem ser cumpridas, e isto fica explícito a todo o momento. Vive-se em grupo, mas a responsabilidade pelos atos é individual.

O trabalho do vendedor, em alguns pontos-de-venda é aguardar o comprador. O vendedor não oferece a droga, é o interessado que procura. Se o sujeito é desconhecido, por precaução não respondem nada.

As relações existentes no tráfico de drogas também visam o lucro e a manutenção do poder vigente, esses jovens, homogeneizados pela indústria cultural e inscritos nas relações do tráfico, buscam pela aquisição de bens, reconhecimento e valorização social. Respondem à promessa constante da indústria cultural, na qual o consumo materializa o poder. Estes jovens correspondem à expectativa da sociedade atual.

A troca de turno é o ponto chave; todos os passos devem ser dados com a maior precisão para que não haja confusão, e jovens inocentes sejam culpados por erros que não cometeram.

O 'trabalho' do tráfico é de 24 horas, com turnos de 12 horas. A troca de turno ocorre entre oito e dez horas. Nos pontos-de-venda com muito movimento, o turno é menor, pois é preciso garantir a segurança; nestes locais, geralmente, há um acerto com a polícia, mas por ser muito visado, vários policiais passam por lá. Alguns com o caráter repressor, e muitos com o intuito de assegurar uma renda extra.

O 'funcionário' que exerce a função de vendedor tem uma rotina que se inicia com a troca de turno. A prestação de contas do que foi vendido é feita para o gerente ou um

funcionário que tem a função de levar e trazer a droga necessária para a venda do dia, e em alguns casos levar o dinheiro para o gerente:

Assim, a força de trabalho, sob a égide do valor de troca, dá a possibilidade de substituição do homem em todos os seus postos de trabalho. Os trabalhadores são tratados como objetos que podem ser descartados. A questão da substituição, em relação ao tráfico de drogas, é um aspecto relevante. Os jovens vivem em constante risco, e podem ser presos ou mortos a qualquer momento, assim, este aspecto está presente a todo instante.

Frise-se que estes jovens, ao realizarem o processo de trabalho, estabelecem entre si determinadas relações: de colaboração e ajuda mútua, de exploração, ou de transição entre os dois extremos. E estas relações, que os homens estabelecem entre si no processo de trabalho, são as que determinam o caráter que este processo assume em uma sociedade historicamente determinada.

O processo de trabalho contém elementos que podem ser identificados no “trabalho” do tráfico: o trabalho em si, atividade produtiva cuja finalidade é a venda de um produto ilícito; e o objeto sobre o qual o trabalho é realizado, a droga ilícita.

Neste grupo sentem-se respeitados, estão na comunidade e entre jovens que se conhecem, ou como eles denominam ‘coleta’. Partilham problemas parecidos e buscam alguma proteção nas situações adversas. Em alguns momentos, percebem o que significa ter um sentimento de coletividade. No trabalho, sempre chamam alguém, para não ficarem sozinhos; têm medo de morrer e, talvez, tenham uma fantasia de que estando com alguém é possível driblar a morte:

Na força de trabalho destes jovens está embutido o risco, assumido para proteger o patrão. São o elo entre o dono do ponto-de-venda e os consumidores, os fregueses da droga. São os jovens traficantes que garantem a circulação da droga, são contratados para assumir o risco maior: de serem detidos ou mortos pelos policiais. No contrato, uma das condições explícitas é a lealdade com o patrão, o silêncio em relação a sua identidade. A arma é instrumento de garantia da segurança do ‘vendedor’, alguns pontos-de-venda oferecem ao ‘trabalhador’ tal garantia; em outros, entendem que esta é opção do mesmo. Os jovens vendem sua força de trabalho e isto envolve assumir o risco, do combate e enfrentamento da polícia e dos ‘concorrentes’.

Sugere-se que os jovens ‘vendedores’ – ‘trabalhadores’ da indústria do tráfico, têm obrigações e seguem regras de trabalho. O contrato existente nas relações de trabalho é verbal. A punição para o desrespeito de uma regra pode ser a morte. Vivem a ilegalidade, o sigilo e a necessidade de estar em constante estado de alerta. O uso da arma faz parte deste processo. Nestas condições, passam a pertencer a um grupo, a adquirir objetos de consumo, o que seria quase impossível por outros meios. E também, por causa disto, são reconhecidos e respeitados. Estas atitudes são reforçadas pela sua faixa etária, que em conjunto com o risco e a transgressão tornam estes jovens a parte mais vulnerável desta engrenagem.

Bibliografia :

- ADORNO, Theodor. W . *Educação após Auschwitz*. Trad. de Aldo Onesti. In: COHN, G.(org.) *Theodor W.Adorno*. São Paulo: Ed. Ática, Coleção Grandes Cientistas Sociais (54), 1994.
- ADORNO, T. et HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos* Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996, 4ª reimpressão.
- _____. *Temas básicos da sociologia*. Tradução de Alvaro Cabral. São Paulo: Cutrix/ Edusp,1973.
- CHESNAIS, François. A emergência de um regime de acumulação mundial predominantemente financeiro. Tradução Wanda Caldeira Brant. *Praga – Estudos Marxistas* nº 3, p.19-46. Setembro 1997.
- CRUZ Neto, o ; Moreira, m. r.; Sucena,l.f.m. *Nem soldados, nem inocentes. Juventude e tráficos de drogas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2001.
- FEFFERMANN, M. *Na Fronteira da Lei e do Fora -da- Lei- Um estudo sobre o discurso de crianças e adolescentes da periferia do município de São Paulo*. Dissertação de Mestrado- Instituto de Psicologia. São Paulo,1997.
- MARX, K. Trabalho, juventude e Educação Politécnica. In: BRITO., S. (org.) *Sociologia da Juventude I: da europa de Marc à América Latina de hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1968.
- MARX. K. *Para a crítica da Economia Política do Capital e O rudimento e suas fontes*. São Paulo: Editora Nova cultural, 1999 (Coleção Os Pensadores).
- MINGARDI, G. *O Estado e o crime organizado*. São Paulo: IBCCrim, 1998.
- _____. Tráfico de Drogas e Crime Organizado: O Modelo Paulista. RIBEIRO, M. M. e SEIBEL, S. D (org.). *In: Droga: a hegemonia do cinismo* São Paulo: Memorial, 1997.

- MISSE, M. *Malandros, Marginais e Vagabundos e a Acumulação Social da Violência no Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia do IUPERJ-UCAM, 1999.
- ZALUAR, A., Ganges, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência. In: VIANNA, H. (org). *Galeras Cariocas : Territórios de conflitos e encontros culturais*. p.17-57. Rio de Janeiro: UFRJ. 1997, p. 17-57.